6

CONCLUSÃO

Ao cabo desta dissertação e no intuito de enriquecê-la em clareza faz-se importante destacar a relação entre prazer, felicidade e filosofia no sistema de Epicuro, um sistema do cuidado de si.

Tentou-se mostrar que a felicidade, enquanto estado pleno de satisfação, agradabilidade e harmonia do complexo corpo-alma, indubitavelmente, é o fim buscado por Epicuro em seu projeto. Tendo fixado este fim, o elo que perpassa por toda doutrina é o prazer. De fato, para o filósofo do Jardim, todo prazer é desejável na medida em que proporciona gozo e satisfação, em oposição às perturbações e dores; e estas devem ser evitadas por trazerem em si o desequilíbrio, não favorecendo a felicidade.

Entretanto, Epicuro percebe que há uma variedade de prazeres concluindo, assim, que apesar do prazer se afigurar como meio para a felicidade, não são todos os prazeres que devem ser buscados. A tarefa do sábio, do filósofo, seria reconhecer os verdadeiros prazeres que orientam o homem para a felicidade, desvelando, também, aqueles que apesar de agradáveis devem ser limitados, ou mesmo descartados.

Epicuro não duvida da agradabilidade destes “falsos prazeres”. Eles são intrinsecamente bons, mas extrinsecamente maus. Quando conferidas suas conseqüências percebe-se que o prazer produzido é pequeno frente aos danos, perturbações e dores geradas; por isso, tratam-se de falsos prazeres. A partir desta análise, podemos compreender que o ápice do prazer epicúreo trata-se de um prazer intelectual. Isso porque, a ação de recusar um intenso, porém “falso” prazer, é coroada por uma satisfação incomensurável própria do sábio que tem a maestria de si e, se encontra no estado pleno de *ataraxia* e *aponia*.

Deste modo, como foi visto ao longo desta dissertação, Epicuro ao construir uma filosofia que oriente o homem ao prazer e, conseqüentemente, à felicidade, visa não apenas dar um sentido ao seu atomismo (isso porque, para

Epicuro, a filosofia é valorosa se contribuir para a felicidade) mas, oferecer uma resposta à crise de seu tempo.

Para compreender a amplitude da crise política, moral, e pessoal do tempo de Epicuro, tentou-se fazer nesta dissertação um trabalho arqueológico, encontrando a raiz do problema na guerra do Peloponeso, ocorrida a pouco mais de cem anos antes da fundação dos Jardins. A guerra trouxe consigo uma série de mazelas como a fome, a peste e a morte. Concomitantemente, trouxe também o desequilíbrio nas questões acerca do governo da cidade.

Pôde-se constatar que esse quadro – que se perpetuou até o tempo de Epicuro, ora mais, ora menos turbulento – colocou o homem frente a dilemas existenciais cruciais, como por exemplo, *qual o valor da vida?; para quê, por que e para quem lutar e governar?; o que é a felicidade, e como ser feliz?*. Essas questões, embora discutidas dentro dos ciclos intelectuais, mostraram que mesmo os mais sábios encontraram-se confusos em respondê-las no auge da crise.

Epicuro percebeu que apesar desses problemas serem visíveis, e largamente discutidos pelos filósofos que o antecederam, o êxito obtido não alcançou a dimensão esperada: primeiro, devido ao fato desta orientação salvar o indivíduo sujeito político, ou seja, visava formar o homem na sabedoria e na prudência para ser um bom cidadão, ocupando seu lugar na *pólis* e dirigindo-a; segundo, pois não contemplou a todos, mas apenas a uma parcela de privilegiados com acesso a Academia, ao Liceu, aos sofistas e, mais adiante, ao Pórtico.

Para Epicuro, o grosso da população e mesmo estes poucos privilegiados, em sua condição íntima ainda padeciam de toda carga de tormentos, principalmente, por desconhecer sobre si mesmos. E ainda, confusos acerca do prazer e da felicidade, por não refletir e calcular sobre suas sensações, deparavam-se em mais um problema: o excesso no uso dos prazeres enquanto tentativa de busca pela felicidade.

Destarte, seria uma grande lacuna para este estudo, deter-se unicamente em uma análise sistemática da filosofia epicúrea, deixando de lado a avaliação do contexto e dos fatos, na medida em que estes são determinantes nas filosofias que anteciparam e influenciaram Epicuro.

A análise do período mostra que nas várias escolas filosóficas, de forma geral, duas questões morais deveriam ser urgentemente respondidas: de um lado, o tema da felicidade como a finalidade da vida; por outro, existia fatalmente a

problematização dos prazeres e dos seus usos, na medida em que o contexto da crise fortaleceu a doutrina hedonista, na qual o prazer é o máximo bem ao alcance do homem e até mesmo confundido com a felicidade.

A presente investigação pôde concluir que Epicuro volta-se contra esse hedonismo insensato e quantitativo que, intempestivamente, acentuava a fragmentação do indivíduo: tanto socialmente, enquanto sujeito político cidadão da *pólis*, tanto quanto individualmente na relação que tem consigo (no que tange a sua saúde, sua serenidade física e espiritual).

Como foi visto, as considerações sobre Platão e, principalmente, sobre Aristóteles foram pertinentes, pois evidenciaram algumas antecipações evidentes do epicurismo, ao ver que os excessos dos prazeres constituíam a raiz problema do homem em saber conduzir-se. Logo, era necessário conhecer a verdadeira natureza dos desejos como meio de conhecer a si próprio. O prazer, então, pôde ser reconhecido e trabalhado na ascese dos desejos: na satisfação moderada dos desejos naturais necessários, na limitação dos desejos naturais não necessários, e na eliminação dos desejos nem naturais nem necessários.

Os prazeres que Epicuro relaciona como o *Bem* são os prazeres estáveis da vida simples, dos quais fazem parte a satisfação de estar pleno, ou seja, não desejar ou ter necessidades; de não sofrer dores físicas ou espirituais; gozar da boa saúde; não ter perturbações morais; o convívio entre amigos; os prazeres proporcionados pela memória; e a satisfação, de um modo geral, dos prazeres que não tragam consigo nenhuma perturbação e, sobrevêm coroando todas as atividades.

Deste modo, concluí-se que o hedonismo epicúreo se resume no mais puro prazer, o prazer da *ataraxia*; seu hedonismo se mostra ao alcance de todos que compreendam seu *Tetraphármakon*: a) Os deuses não são temíveis; b) a morte não nos traz riscos; c) não é difícil atingir o bem; d) nem suportar o mal com coragem. Esse quádruplo remédio resume os objetivos da filosofia de Epicuro, permitindo a visualização do seu caráter missionário e de solidariedade com o homem, independentemente da sua época; indica por quais vias o homem deve encontrar a paz, como também obter a maestria de si e saber conduzir-se perante todas as situações.

Visto isso, não se pode deixar de reverenciar o valor da filosofia de Epicuro. Ele falou do prazer, melhor do que ninguém, assumindo verdadeiramente o modo de vida da sabedoria e não é de forma alguma exagero dizer que Epicuro, além do filósofo do prazer, foi também o filósofo da amizade e da felicidade. Um humanista. Todo o corpo da doutrina se volta para o agir humano numa clara reação de propiciar ao homem de seu tempo uma libertação. Libertação de todos os infortúnios que naturalmente podem se suceder, mas, principalmente, uma libertação das ilusões: ilusões de felicidade, de prazer, de amizade, de ser sábio... Enfim, sua filosofia se apresenta como um convite ao homem para cultivar a si mesmo, visando a vida harmônica e a felicidade do homem, indicando todos os caminhos para isso.

Resta transcrever aqui apenas o testemunho de Lucrécio que dimensiona o alcance da filosofia epicúrea entre os antigos: por um lado, seu fervor dogmático e missionário; por outro, o indubitável respeito e afeto que todos os discípulos tinham para com seu mestre:

Ó tu que primeiro pudeste, de tão grandes trevas, fazer sair um tão claro esplendor, esclarecendo-nos sobre os bens da vida, a ti eu sigo, ó glória do povo grego, e ponho agora meus pés sobre os sinais deixados pelos teus, não por qualquer desejo de rivalizar contigo, mas porque por amor me lanço a imitar-te. De fato, como poderia a andorinha bater-se com o cisne, que poderiam fazer de semelhante em carreira os cabritos de trêmulos membros e os fortes, vigorosos cavalos? Tu, ó pai, és o descobridor da verdade, tu me ofereces lições paternais, e é nos teus livros que nós, semelhantes às abelhas que nos prados floridos tudo libam, vamos de igual modo recolhendo as palavras de ouro, de ouro mesmo, as mais dignas que houve desde que o tempo é tempo.¹⁷⁷

¹⁷⁷ LUCRÉCIO. *Da Natureza*. Livro III, 0-14. p. 71.